

ECOS. LOUSAL, DO MINÉRIO ÀS TECNOLOGIAS

José M. Brandão

LNEG-IP / Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência
Universidade de Évora, Palácio do Vimioso. Lg. Marquês de Marialva, 8 - 7000-554 Évora
josembrandao@gmail.com

Resumo:

Em muitos lugares, a paisagem e as actividades tradicionais características do mundo rural cederam lugar aos desígnios de progresso industrial, ancorados na exploração e processamento dos recursos minerais. Apesar da dureza do trabalho e da incertitude da sobrevivência, surgem novas ocupações e especializações que a esperança, ou promessa, de novas e melhores condições de sustento familiar, enquanto no horizonte se perfilam símbolos de industrialização: edifícios, chaminés, malacates, caminhos de ferro, barragem; no subsolo abrem-se poços, galerias, cortas e, à superfície, acumulam-se os estéreis arrancados na profundidade e os rejeitados das unidades de tratamento do minério.

A vida do sítio reescreve-se, de transformação material e aculturação.

Descoberto no início dos anos oitenta, século XIX, o jazigo do Lousal só conheceu intensa exploração a partir da sua concessão à empresa belga *Mines et Industries*. As pirites cupríferas extraídas foram, desde então, base segura da indústria química adubeira fomentada, a partir dos anos trinta (séc. XX), pela Campanha do Trigo.

As décadas de cinquenta – sessenta, corresponderam, também, ao período em que se modernizou a cadeia operatória da mina, processo apoiado num conhecimento cada vez mais aprofundado da geologia das massas de minério e na progressiva mecanização da produção que atingiu, pelos anos setenta um ritmo da ordem das 100 t/hora de produto comercial, decaindo, desde então, o ritmo de produção.

Com o encerramento das minas em 1988, toda a estrutura social e económica erigida, durante décadas, em torno dos minérios, desmorona. Privada da principal fonte de sustento, a maior parte da população viu-se forçada a procurar fora o trabalho que o lugar lhes negou. Abandonam-se casas e equipamentos.

A vida do sítio reescreve-se, de degradação material e social.

Na segunda metade dos anos noventa, é lançado um programa integrado de intervenção social de que o projecto museológico é parte. Este, apresenta-se como um vector de reversão, recuperando espaços e equipamentos esvaziados das suas funções originais, e recuperando memórias vivas, visando preservar e valorizar o património existente na plenitude das suas dimensões material e intangível.

Dez anos depois da abertura do museu, fomos à procura, na internet, dos “ecos” deste auspicioso programa, sopesando o conteúdo das mensagens passadas, na certeza da importância daquela ferramenta na criação de uma consciência pública alargada para o valor e necessidade de preservação destes sítios de valor memorial acrescido.